

O DIÁRIO DE BERNARDINA



DA MONARQUIA À REPÚBLICA,
PELA FILHA DE BENJAMIN CONSTANT

Organização, introdução e notas:
CELSO CASTRO E RENATO LEMOS

Bernardina Botelho de Magalhães

O diário de Bernardina

Da Monarquia à República,
pela filha de Benjamin Constant



Organização, introdução e notas:
Celso Castro e Renato Luís do Couto Neto e Lemos


ZAHAR

Copyright da organização, introdução e notas © 2009,
Celso Castro e Renato Luís do Couto Neto e Lemos

Copyright desta edição © 2009:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Projeto gráfico e composição: Mari Taboada
Capa: Rita da Costa Aguiar
Ilustração de capa: © Fine Art Photographic Library/Corbis/LatinStock

Fontes iconográficas: As imagens 8, 11 e 12 pertencem ao acervo CPDOC/FGV; as demais imagens, ao acervo do Museu Casa de Benjamin Constant/DEMU/IPHAN (imagens 10 e 16: fotografia de Maria Fernanda Villas Boas). Todos os esforços foram feitos para identificar as fontes de imagens aqui reproduzidas. Estamos prontos a incluir eventuais omissões em futuras edições.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Magalhães, Bernardina Botelho de, 1873-1928
M164d O diário de Bernardina: da Monarquia à República pela filha de Benjamin Constant / organização, introdução e notas, Celso Castro e Renato Luís do Couto Neto e Lemos. — Rio de Janeiro: Zahar, 2009. il.

ISBN 978-85-378-0119-2

1. Magalhães, Bernardina Botelho de, 1873-1928 - Diários. 2. Constant, Benjamin, 1737-1891. 3. Brasil - História - Proclamação da República, 1889. 4. Brasil - Usos e costumes - Século XIX. I. Castro, Celso, 1963-. II. Lemos, Renato Luís do Couto Neto e. III. Título. IV. Título: Da Monarquia à República, pela filha de Benjamin Constant.

08-5339

CDD: 981.04
CDU: 94(81)



Introdução

Uma janela para o tempo

Celso Castro e Renato Lemos

O texto que se vai ler é o diário de Bernardina, filha de Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Benjamin Constant, como ficaria conhecido, nasceu em 1837 e fez carreira no Exército brasileiro, tendo alcançado a patente de tenente-coronel, mas chegaria a general “por aclamação” nos primeiros dias da República. Lecionou matemática em várias instituições, como o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, a Escola Normal, a Escola Politécnica, a Escola Militar e a Escola Superior de Guerra, todos no Rio de Janeiro. Adepto do positivismo, que supunha ser a República a mais avançada forma de organização política, foi um dos primeiros e mais importantes divulgadores da doutrina no país, transmitindo-a à juventude militar que passava por suas aulas. Essa interação entre professor e alunos contribuiu decisivamente para que a “mocidade militar” — para usar uma expressão da época — se tornasse republicana.¹ Benjamin esteve na linha de frente da conspiração que resultou no golpe militar que depôs a Monarquia

1. Sobre o assunto, ver Celso Castro. *Os militares e a República: um estudo de cultura e ação política*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995. Algumas ideias e passagens do presente texto foram anteriormente apresentadas em “O diário da Bernardina”, capítulo de *Escrita de si, escrita da história* (org. Ângela de Castro Gomes. Rio de Janeiro, FGV, 2004, p.229-39).

em 15 de novembro de 1889. Em seguida, integrou o primeiro governo republicano, nos cargos de segundo vice-presidente e ministro da Guerra e da Instrução Pública, Correios e Telégrafos. Morreu em 22 de janeiro de 1891, um mês antes da promulgação da primeira Constituição republicana, vindo a ser declarado “Fundador da República” pelos constituintes então reunidos.²

Bernardina, a autora do diário, nasceu em 15 de abril de 1873, a quarta filha do casamento de Benjamin Constant com Maria Joaquina da Costa, se não contarmos os dois filhos que morreram ainda nos primeiros anos de vida. Tinha 16 anos de idade quando redigiu as notas que compuseram quatro cadernos, dos quais se preservaram os dois aqui apresentados. Após sua morte, em 24 de agosto de 1928, os cadernos estiveram em poder de Mário Constant de Magalhães Serejo, o filho que se tornou um historiador da família, escrevendo sob o pseudônimo “Benjamin Constant Neto”. Após a morte deste, em 1991, a documentação ficou com algumas tias suas, entre elas Diva, irmã de Peri Constant Bevilaqua, também neto de Benjamin Constant.³

2. Renato Lemos. *Benjamin Constant: vida e história* (Rio de Janeiro, Topbooks, 1999).

3. Nascido em 1899, filho de Alcida Constant Botelho de Magalhães e José Bevilaqua, foi militar, tendo chegado à patente de general de Exército. Ocupou vários cargos públicos, inclusive o de ministro do Superior Tribunal Militar (STM), do qual foi desligado por força de medida baseada no Ato Institucional n.5, que o aposentou compulsoriamente em janeiro de 1969. Seu arquivo pessoal também se encontra depositado no MCBC. Sobre sua trajetória pública, ver Renato Lemos, “O general juiz”, in Renato Lemos (org.). *Justiça fardada: o general Peri Constant Bevilaqua no Superior Tribunal Militar* (Rio de Janeiro, Bom Texto, 2004).

Tendo Diva passado a morar com o irmão, este se tornou o depositário do arquivo da família.⁴ Peri Bevilaqua doou os documentos ao poder público, o que viabilizou a organização do Museu Casa de Benjamin Constant (MCBC). Em meio ao acervo, identificou-se um dos volumes do diário de Bernardina. Após o falecimento de Peri Bevilaqua, em 1990, seu arquivo pessoal foi doado pelos filhos ao Museu e, ao ser organizado, revelou um segundo caderno de anotações de Bernardina.

Os cadernos parecem ter sido preservados principalmente em função dos acontecimentos de 15 de novembro de 1889, dos quais Benjamin foi um dos principais protagonistas, e que Bernardina descreve a partir de seu ponto de vista doméstico. Pequenos trechos referentes a esse dia e posteriores apareceram, anos mais tarde, já após a morte de Bernardina, reproduzidos em três publicações. A primeira foi a 3ª edição da monumental biografia de Benjamin Constant feita pelo diretor da igreja Positivista do Brasil, Raimundo Teixeira Mendes.⁵ Essa edição traz o anexo “Notas do diário de d. Bernardina Constant de Magalhães Serejo, filha do Fundador da República” (p.491-4), com alguns trechos de seu diário. Três anos mais tarde, os mesmos trechos foram transcritos em livro de seu filho.⁶ Finalmente, temos o trecho do diário referente ao dia 15 de novembro reproduzido em uma entrevista

4. Informações prestadas por Afonso de Escobar Bevilaqua, sobrinho-neto de Bernardina.

5. Raimundo Teixeira Mendes. *Benjamin Constant: esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do Fundador da República Brasileira* (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1937, edição comemorativa do primeiro centenário de seu nascimento, 18 de outubro de 1936).

6. Benjamin Constant Neto. *Benjamin Constant* (Rio de Janeiro, Leuzinger, 1940, p.215-8).

com o viúvo de Bernardina, publicada em 1939.⁷ Através dessa entrevista, ficamos sabendo que originalmente havia quatro cadernos, pois o autor da matéria afirma havê-los folheado.

O destino dos cadernos seguiu, ainda, o curso do espólio de Benjamin Constant. Após sua morte, muito daquilo que os historiadores veriam como seu acervo sumiu: livros foram roubados, outros, que estavam emprestados, não foram devolvidos, outros ainda foram doados à Academia Brasileira de Letras. Esse percurso de desvios é evidente no caso da correspondência da Guerra do Paraguai.⁸ Como há indícios de que os quatro cadernos estiveram nas mãos do filho de Bernardina, é razoável supor que houve extravio ou que algum aventureiro se apossou deles posteriormente.

Hoje, dispomos de dois conjuntos de anotações pessoais, aqui transcritos, sobre os quais devemos fazer algumas observações. Em primeiro lugar, a própria palavra “diário” deve ser pensada no contexto de uma história cultural dos “registros de si”. Na capa de seu caderno Bernardina anota apenas a frase “continuação das notas de 1889”. Não há, no texto que chegou até nós, nenhuma ocorrência da palavra “diário”. Esse rótulo lhe foi atribuído posteriormente e pode assumir múltiplas significações. O registro diário de informações – definição mínima de “diário” – engloba um contínuo que vai de uma simples “agenda” de acontecimentos ao registro de pensamentos “ín-

7. “Benjamin Constant através as (*sic*) reminiscências de um discípulo”, *Diretrizes* ano II n. 20 (Rio de Janeiro, nov 1939, p.19-22).

8. Renato Lemos, “Introdução”, in Renato Lemos (org.). *Cartas da guerra: Benjamin Constant na campanha do Paraguai* (Rio de Janeiro, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Museu Casa de Benjamin Constant, 1999).

timos” de seu autor. Essas notas de Bernardina, como as de muitos outros, ficam em algum lugar no meio do caminho.

Pode-se imaginar a razão que teria levado Bernardina a redigir suas notas. Possivelmente, foi influenciada pelo pai. Benjamin Constant demonstrava grande preocupação em registrar os eventos com que se envolvia, talvez mirando a posteridade. Ele próprio tinha cadernetas onde, na década de 1860, anotou fatos do cotidiano, inclusive o primeiro banho de mar com a esposa, poucos dias após o casamento.⁹

Podemos ainda especular sobre a razão por que a família *guardou* esses cadernos. Acreditamos que, para os familiares de Bernardina, que o preservaram após sua morte,¹⁰ o diário era um *objeto de memória* investido de uma dupla devoção: lembrança de um ser querido, mas também — e, provavelmente, mais importante, já que foram guardados apenas dois dos cadernos do diário — *prova documental* de que Bernardina e, através dela, toda sua família, foram participantes de uma história memorável.

O *objeto físico* preservado – os cadernos em si, e não apenas seu texto, transcrito em outros suportes – possivelmente tinha uma função análoga à que Lévi-Strauss atribuiu aos *churinga*, objetos de culto dos aborígenes australianos que representam a reencarnação de um antepassado.¹¹ O diário não se tornou “histórico” após ter sido confiado à guarda de uma instituição de memória, gesto que pretensamente

9. Cf. Renato Lemos. *Benjamin Constant: vida e história* (Op.cit.).

10. Bernardina foi a segunda a morrer, dentre os filhos de Benjamin Constant que chegaram à vida adulta.

11. Ver Claude Lévi-Strauss. *O pensamento selvagem* (São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2ª ed., 1976, cap. 9, “O tempo redescoberto”).

lhe atribuiria essa condição: ele já era assim considerado *antes* de receber essa chancela por aqueles da família que o guardaram. Esse reconhecimento vinha de seu caráter probatório: como os *churinga* e nossos documentos e objetos “históricos”, o diário dava uma existência física à História, encarnava a qualidade íntima do acontecimento, punha quem o possuía em contato com a pura historicidade. Por isso, sua preservação para a posteridade era – e ainda é – importante.

Também o estilo das anotações merece reflexão. Um caminho possível é compará-lo com outros diários de jovens mulheres dessa época. Como, por exemplo, aquele mantido entre os 13 e 15 anos por Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970) e publicado pela primeira vez em 1942, com o título de *Minha vida de menina*.¹² Nesse diário, a autora registra cenas do cotidiano familiar e social de Diamantina (MG). Se há uma grande diferença entre os dois diários em relação à extensão e vivacidade daquilo que se registrava, também há pontos em comum. Dentre eles, destaca-se o peso das relações familiares e do destino então geralmente reservado às mulheres, circunscritas aos cuidados com o lar e a família. Alguns silêncios dos dois diários também são significativos, como a ausência de aventuras amorosas ou mesmo admirações platônicas. Por esse caminho, o diário de Bernardina pode tornar-se uma fonte para a história social das mulheres no Brasil. E ele cresce em importância quando sabemos que, no final do Império, quase dois terços das

12. Helena Morley (pseudônimo). *Minha vida de menina* (São Paulo, Companhia das Letras, 1998). Uma diferença importante em relação ao diário da Bernardina é que o livro reorganizava registros mantidos 50 anos antes em cadernos e folhas avulsas pela menina Alice. Foi traduzido para o inglês e o francês.

mulheres brasileiras eram analfabetas, e que poucos diários femininos dessa época chegaram até nós.¹³

O que estamos chamando de “diário de Bernardina” não é, a rigor, um repositório de registros íntimos, mas um conjunto de anotações do cotidiano familiar. Notas que resumem sucintamente o cotidiano, em especial eventos familiares: visitas recebidas e saídas de seus pais e irmãos. Muito integrada à família, Bernardina participava, direta ou indiretamente, da maioria dos eventos que os envolviam. Os Botelho de Magalhães residiam no prédio do Imperial Instituto dos Meninos Cegos (na Urca, Rio de Janeiro), que Benjamin Constant dirigia e que, após a Proclamação da República, receberia seu nome. Os visitantes, bem como os que se iam visitar, são, em geral, parentes ou aparentados: tias, tios, uma irmã casada e seus três filhos, compadres e comadres. Quase sempre se almoça, janta ou ceia com os anfitriões. São visitas frequentes, quase diárias.

Bernardina sai pouco de casa, se é certo que o diário registra todas ou ao menos a maioria de suas saídas. Quando sai, é em companhia da mãe ou do pai, nunca sozinha. Saídas noturnas exigem a companhia de algum homem adulto da família, geralmente o pai: várias vezes há o registro de que o pai foi buscá-la de volta. Esse padrão repete-se para suas irmãs, que sempre saem e voltam escoltadas. Em visitas ou compras, a mãe quase sempre leva uma filha em sua companhia. O pai, professor, é o único que sai sozinho, e o único a trabalhar fora de casa. Idas ao teatro mobilizam boa parte da família.

13. Ver Anamaria Gonçalves Buieno de Freitas e Maria Amélia de Almeida Cunha. “Dimensões da condição feminina no final do século XIX, nas páginas do diário ‘Minha vida de menina’ (1893-1895)”, *Horizontes* vol. 19 (Bragança Paulista, jan-dez 2001, p.29-41).

É recorrente o registro de doenças e mal-estares de membros da família: dores de cabeça, enxaquecas, pontadas, indigestões, constipações e, mais grave, a pneumonia de um primo. Quanto a si mesma, Bernardina registra cólicas, dores de garganta e de estômago. Aldina, a irmã imediatamente mais velha, está tentando um tratamento por hipnose, mas nas visitas que faz ao médico não consegue ou não se deixa hipnotizar – em uma sessão, o hipnotizador é quem adormece. O pai é, de longe, o mais doente, e seguidamente falta a aulas ou outros compromissos por problemas de saúde, provavelmente decorrência da malária contraída nos alagadiços paraguaios durante a guerra. Já o irmão mais novo faltava muito ao colégio mais por malandragem do que por doença.¹⁴

O que Bernardina fazia em casa? Em algumas manhãs, recebia aulas de piano. Boa parte do dia era ocupada com pequenos trabalhos de costura, a contar pelo registro de fronhas, corpinhos, aventais, camisolas e sapatinhos de lã que fazia para si e para os seus. Mais raramente, aparece o registro de algo que cozinhou: chocolate, doce de abóbora e, junto com a mãe, doce de ovos. Desta, recebia uma pequena mesada. À noite, a mãe algumas vezes lia histórias para as filhas mais novas.

Além de não haver, no diário, registros do que hoje chamaríamos de pensamentos ou “segredos íntimos”, faltam, também, nas cinco primeiras semanas registradas, referências a fatos públicos, nacionais ou internacionais. A vida de Bernardina era a vida em família; o mundo exterior era limitado pelo tempo e espaço familiares. Porém, no dia 15 de setembro de 1889 a História subitamente adentrou sua casa: “Esteve cá o militar Jayme Benévolo, que veio falar com papai sobre,

14. Para mais detalhes sobre o cotidiano embate entre Benjamin Constant e seu filho no âmbito das atividades escolares, ver Renato Lemos. *Benjamin Constant: vida e história* (Op.cit.).

segundo nos parece, uma nova questão militar, por ter o presidente do Conselho preso injustamente um oficial.”

A partir desse momento, sua vida entrelaça-se, cada vez mais, com a da República em gestação. Através de suas anotações, podemos perceber a coexistência e interpenetração de diferentes ritmos da vida social: “... o processo histórico se desvela como interseção de ritmos de vida, conforme classificação proposta por Fernand Braudel: o ritmo acelerado da vida cotidiana — familiar, profissional —, o ritmo médio da fase crítica da conjuntura política — definição do embate entre forças em torno do poder — e por fim, mas não menos importante, o ritmo lento da longa duração, que regula o desenrolar de mudanças na estrutura política do país.”¹⁵

A Questão Militar¹⁶ envolve decisivamente seu pai e seu padrinho – Marciano Augusto Botelho de Magalhães, também oficial do Exército. Em ritmo célere, abrem-se as portas do lar para a rua. Por elas, entram estudantes da Escola Militar, jovens oficiais e líderes republicanos. Bernardina assiste à transformação de seu pai em líder de um segmento militar politicamente mobilizado. Nesse processo, que se acompanha através da leitura de seu “diário”, o status social de Bernardina e de sua família mudará radicalmente. Suas anotações chegam aos primeiros dias da República, quando Benjamin Constant ocupa o primeiro plano do processo de implantação da nova organização política do país.

15. Renato Lemos. *Benjamin Constant: vida e história* (Op.cit., p.368).

16. Série de conflitos, ligados a tensões corporativas e políticas, que opuseram segmentos militares e ministros na segunda metade da década de 1880. Para mais informações, ver Celso Castro. *Os militares e a República: um estudo de cultura e ação política* (Op.cit.).

dato hoje pela Imprensa Fluminense em homenagem aos oficiais chilenos; o sr. Carlos não quis ir e por isso pediu ao Benjamin para acompanhá-la; papai, mamãe, tia Olímpia, Alcida e eu assistimos de um camarote; meu padrinho também foi de camarote, com a família. A d. Maria Teresa veio com irmã almoçar; a irmã foi embora depois do almoço e ela ficou para jantar.

5 DE NOVEMBRO [TERÇA-FEIRA]

A d. Alcida e a Catarina estiveram cá depois do almoço; estão na casa do sr. Sampaio desde a semana passada. Benjamin veio hoje de casa de Aldina. Não dei aula com Alvina porque não pude aprontar as lições em razão de ter vindo tarde ontem do concerto e ter me acordado muito tarde. Depois do jantar mamãe foi com Elvira à casa de d. Francisca e achou-a no mesmo. Papai foi de noite ao Clube Militar.⁶¹ A Mariquinhas esteve cá com a Geraldina e não jantou; o sr. Carlos jantou cá e ficou muito zangado porque Aldina voltou ontem tarde do concerto. Alcida manifestou hoje desejo de ir ao baile da Ilha Fiscal,⁶² com o que nos admiramos muito e causou muito contentamento por vermos que ela está melhor, porém como falta pouco para o dia do baile nós não vamos por não haver tempo de fazer vestidos.

61. Tratava-se de uma reunião da diretoria que teve por objetivo preparar a tão esperada sessão pública, a realizar-se no dia 9, e aprovar a adesão de 43 novos membros — dentre eles, há apenas 8 oficiais superiores; a maior parte era de tenentes e alferes-alunos. O objetivo dessa adesão em massa de jovens oficiais radicais era garantir o quórum e uma confortável maioria na sessão do dia 9.

62. O baile da Ilha Fiscal foi promovido pelo Imperador em homenagem aos mesmos visitantes chilenos. Era a maior e mais imponente festa até então realizada pelo Império — e terminou sendo sua última.

6 DE NOVEMBRO [QUARTA-FEIRA]

Papai foi dar aula na Escola Superior. Mamãe foi com Alcida ao dr. Érico Coelho. Depois do jantar papai foi à casa do general Deodoro e de lá à casa de d. Francisca, que está a expirar; mamãe e eu fomos à casa de Adozinda; as crianças estão melhores da tosse e parece que não é coqueluche; dr. Álvaro não estava, foi para a casa da tia; Adozinda deu-me um colete que não chega mais nela. Quando mamãe e eu chegamos encontramos aqui cinco oficiais que estavam à espera de papai, para falar sobre a questão militar.⁶³ Meu padrinho, que jantou aqui, ainda estava quando chegamos e foi embora quando os oficiais foram. Tia Olímpia foi à lição e não veio jantar. O Benjamin passou o dia um pouco incomodado e teve de noite um pouco de febre.

7 DE NOVEMBRO [QUINTA-FEIRA]

Tio João veio hoje da Jurujuba. O Benjamin amanheceu melhor e foi ao colégio. O dr. Amarante esteve cá de tarde, veio por parte de dr. Álvaro participar-nos a morte da d. Chiquinha; morreu às 3h. De noite estiveram aqui o sr. Quintino Bocaiuva e dois oficiais que vieram falar sobre a questão militar.⁶⁴

63. Eram eles Sólon, Mena Barreto e Joaquim Inácio, acompanhados do aluno da ESG Aníbal Elói Cardoso e do tenente Saturnino Cardoso. Lá já estava Marciano, o irmão mais novo de Benjamin Constant. Segundo algumas versões, já se discutiam detalhes do golpe republicano, como o que fazer com o Imperador.

64. Eram eles Sólon e Mena Barreto. Trataram possivelmente da necessidade de se promover um encontro dos republicanos civis com Deodoro — encontro que, afinal, se realizaria no dia 11.

8 DE NOVEMBRO [SEXTA-FEIRA]

Papai foi antes do almoço à casa das irmãs do dr. Álvaro dar os pêsames pela morte de d. Francisca; foi depois do almoço ao Tesouro, veio à casa e daqui foi com meu padrinho e o sr. Carlos ao enterro da d. Chiquinha. O sr. Carlos veio cá primeiro saber se papai ia, foi a casa mudar a roupa e voltou. O sr. Jaime Benévolo veio cá duas vezes procurar por papai e ele não estava, na terceira vez veio junto com ele da rua. Mariquinhas jantou cá; esteve copiando uns pontos que o Benjamin me pediu para os copiar e, como eu lhe dissesse que estava com preguiça, ela quis por força copiar um pouco para adiantar. Mamãe foi depois do almoço à casa das irmãs do dr. Álvaro e de lá foi à casa de Adozinda para ficar com as crianças, a fim de que Adozinda pudesse vir à casa da tia do dr. Álvaro. Mamãe veio jantar e chegou aqui muito tarde; o sr. Carlos e meu padrinho vieram jantar cá e o dr. Álvaro também. Depois do jantar retiraram-se todos e papai foi ao Clube Militar. Tia Olímpia foi dar lição, veio jantar e foi depois do jantar à casa da falecida d. Chiquinha. De noite eu copieei um pouco dos pontos do Benjamin. O *Diário de Notícias* trouxe hoje no artigo de fundo, escrito pelo conselheiro Rui Barbosa,⁶⁵ sob a epígrafe “Questão Militar”, um bonito elogio a papai.

9 DE NOVEMBRO [SÁBADO]

Papai foi à escola. Meu padrinho esteve cá. Mamãe foi com Alcida ao dr. Érico Coelho. Esteve cá o sr. Quintino Bocaiuva; dr. Álvaro também

65. Rui Barbosa, advogado e jornalista, teve importante papel na crise final do Império, contribuindo, por meio de intensa atividade na imprensa, para aguçar as contradições políticas que marcaram os últimos dias da Monarquia no Brasil.

esteve cá e aqui jantou. Depois do jantar Aldina chegou com o sr. Carlos e as crianças e fomos todos, menos as crianças, à ponte das barcas ver a iluminação e as pessoas que iam ao baile [da Ilha Fiscal]; papai foi ao Clube Militar;⁶⁶ o Benjamin não quis ir. Voltamos às 11h, ceamos e o sr. Ângelo disse-nos que papai esteve aqui e, como soube que estávamos na ponte das barcas, foi para lá à nossa procura e nos desencontramos; então esperamos que ele voltasse e fomos outra vez a ver se podíamos ver a ilha de perto; desta vez Araci ficou dormindo, Aldina foi embora com o sr. Carlos e [a] pequenina e, como amanhã ela tem de vir para batizar a Edith, deixou aqui os dois meninos, de sorte que fomos só mamãe, papai, tia Olímpia, Alcida e eu; papai lá indagou se não se podia ir na barca dos convidados para voltar na mesma, porém disseram que só com o cartão; então papai tratou um escaler a 1\$ por pessoa e vimos perfeitamente a ilha, o baile e as pessoas. Chegamos em casa às 3h e tanto da madrugada. O Benjamin, quando soube que nós fomos de escaler, ficou arrependido de não ter ido. Faltei à aula.

66. Enquanto a família tentava assistir ao baile da Ilha Fiscal, Benjamin presidia a última sessão do Clube Militar a se realizar antes do golpe republicano — a sessão tão longamente aguardada pela “mocidade militar”. Embora a maioria dos presentes já estivesse decidida pela conspiração, o endosso do Clube era essencial para configurar o movimento como sendo da “classe militar” e, com isso, conseguir a adesão de um número maior de oficiais. Deodoro, doente, não participou da sessão, que transcorreu num clima exaltado, com a participação quase exclusiva de jovens oficiais. Encerrando a sessão, Benjamin, segundo a ata, afirmou que, não sendo os meios legais suficientes para mudar a direção dos acontecimentos, “estaria pronto para desprezar o que havia de mais sagrado — o amor da família — para ir morrer conosco nas praças públicas, combatendo em prol da pátria que era vítima de verdadeiros abutres, para o que só pedia lhe fossem dados alguns dias para desempenhar-se de tão árdua quanto difícil missão de que foi investido pela classe a que tem a honra de pertencer.”

10 DE NOVEMBRO [DOMINGO]

Todos nós nos acordamos muito tarde em razão de termos nos deitado de madrugada. Aldina veio com o sr. Carlos e a Edith; ao meio-dia a Edith batizou-se na Igreja de Sto. Antônio, sendo mamãe a madrinha e o padrinho um alemão conhecido do sr. Carlos; o padrinho esteve cá um pouco depois do batizado e depois que ele retirou-se é que almoçamos. Além da d. Chiquinha, Elvira, tia Olímpia e nós, mais ninguém assistiu o batizado. Acabei hoje de copiar os pontos do Benjamin. Papai foi à casa do general Deodoro, depois do almoço. Meu padrinho esteve cá de noite, aqui ceou, e o Ciro também esteve e saiu antes d'ele chegar.

11 DE NOVEMBRO [SEGUNDA-FEIRA]

Papai foi ao dentista. Mamãe foi com Alcida ao dr. Érico. Meu padrinho jantou cá com a Carlota e depois do jantar chegou a tia Julieta com a Hermínia e o Benjaminzinho; meu padrinho saiu para dar algumas voltas, veio cear e demorou-se mais para esperar por papai, que saiu; foram embora depois do chá. Tia Olímpia foi dar lição e veio jantar.

12 DE NOVEMBRO [TERÇA-FEIRA]

Papai saiu de manhã e voltou com meu padrinho para almoçar, tarde; depois do almoço Aldina veio com as crianças para ir conosco ver a Ilha Fiscal, que está em exposição; papai declarou que não podia ir; o Benjamin não quis ir; tia Olímpia foi; saímos daqui às 2h e tanto, mas como o mar estava muito forte, não pudemos embarcar; a Mariquinhas, que chegava quando nós estávamos para sair, também foi conosco até o ponto das barcas; tia Olímpia foi de lá para casa de d. Alcida, lá jantou e veio de noite. Depois do jantar mamãe foi com Aldina à casa de Adozinda e a Mariquinhas aproveitou a companhia

e foi embora com a Geraldina. Papai saiu depois do almoço e até agora não voltou (meia-noite).

13 DE NOVEMBRO [QUARTA-FEIRA]

Mamãe foi de manhã à casa de Adozinda para ficar com as crianças e Adozinda poder ir assistir à missa da tia do dr. Álvaro, por isso mamãe não foi à missa; papai, titia e Elvira foram à missa; eu e Alcida não fomos por não termos trajes pretos; o Benjamin, por ter colégio. A d. Alcida e a Eunice foram à missa e vieram almoçar cá; meu padrinho também; depois do almoço, titia saiu para dar lição e d. Alcida, como ia para a Praia Grande, acompanhou-a; tia Olímpia só voltou de noite. Mamãe almoçou com Adozinda e veio logo para ir com Alcida ao médico; Araci também foi. Papai foi dar aula e voltou à hora do jantar; meu padrinho jantou cá. A d. Maria Teresa jantou cá. Depois do jantar, mamãe, Alcida, Araci e eu fomos ver Alice, pela primeira vez desde que chegou em casa do sr. José Rufino de Vasconcellos; papai não pôde ir hoje, mas já esteve com Alice.

14 DE NOVEMBRO [QUINTA-FEIRA]

Papai saiu depois do almoço e veio tarde para jantar. De noite foi ao Clube Militar e de lá à casa do general Deodoro e voltou tarde; meu padrinho jantou cá, saiu depois do jantar e voltou de noite com papai, para dormir cá. Dr. Álvaro esteve cá para falar com papai, e como ele se demorasse, foi embora e ficou de vir amanhã cedo. Mamãe deu hoje ao Benjamin umas camisas, uma bengala e um vidro de perfume pelo dia 19; deu já porque desconfia que haverá breve qualquer barulho no país, por causa das questões militares.

15 DE NOVEMBRO [SEXTA-FEIRA]

Acordei hoje ao toque de trombetas dos soldados e assustada levantei-me e soube então por mamãe que vieram de madrugada alguns



12. “Hoje acordei ao toque de trombetas dos soldados e assustada levantei-me”.
Desenho de Bellenger publicado no periódico L'illustration de
21 de dezembro de 1889.

oficiais para irem com papai para o quartel-general, pois recebiam que o movimento para república rebentasse hoje; com efeito, pelo meio do dia o Exército em peso, ligado à Armada, à Polícia da Corte e de Niterói e reunido no quartel do Campo, prendeu os ministros em reunião de Conselho e proclamou-se a República Brasileira pacificamente e de um modo nobre; papai declarou que a Família Imperial seria garantida e protegida pelo Exército; disse ao ministro do Império, barão de Loreto, que podia retirar-se porque é um homem virtuoso e que agradecesse à sua esposa, e disse também que o est.⁶⁷ não devia se fiar no Ouro Preto nem no Cândido de Oliveira; como eles ficassem muito humilhados, o general Deodoro deu-lhes ordem de soltura; o Ladário (min. da Marinha) foi ferido pelo alferes-aluno Peña,⁶⁸ em defesa própria; tendo o barão de Ladário querido atirar sobre o Deodoro, o aluno deu-lhe ordem de prisão, ao que ele não quis se sujeitar, apontando logo o revólver para o moço; então este deu-lhe seis tiros de revólver.⁶⁹ Meu padrinho e tio João acompanharam papai de madrugada; por muita felicidade, não aconteceu nada a papai; apenas teve uma arranhadura na sobrancelha, coisa leve; o sr. Carlos veio cá quando soube do movimento, daqui foi para onde papai estava, voltou cá e foi depois para Santa Teresa; logo que acabou-se o movimento mamãe mandou-me escrever um bilhete à Aldina tranquilizando-a. Dr. Álvaro esteve cá, foi ter com papai e veio almoçar; almoçou também cá o sr. Licínio, que não se separou de papai durante o movimento; o dr. Macedo também almoçou cá;

67. Está abreviado no original. Provavelmente significa “Estado”.

68. Adolfo Peña Filho.

69. Apesar de ferido, o barão de Ladário sobreviveu.

o sr. Agliberto veio cá para cumprimentar a papai, porém não o encontrou. Aldina desceu com as crianças pela volta [*sic*] das 2h e aqui dorme; o sr. Carlos voltou, aqui jantou, saiu depois com o tio João e voltou logo; papai, depois do movimento acabado, andou em uma marcha pelas ruas da cidade com o sr. Quintino e todo o Exército, Armada e Polícia; depois ele veio para casa muito suado e cansado, e nós todos fomos recebê-lo com flores; antes da marcha, ele passou por cá para abraçar a mamãe e a nós; dr. Álvaro voltou de tarde, e disse que Adozinda estava muito contrariada por não poder vir, pois não tem com quem deixe as crianças; dr. Álvaro jantou aqui e foi embora de noite. Estiveram aqui diversas pessoas que vieram cumprimentar a papai, o sr. Rui Barbosa esteve aqui à espera que papai tomasse o banho e comesse alguma coisa, para ir com ele para a casa do general Deodoro e lá tratarem das bases do novo governo; de noite vieram para cá e, com o sr. Quintino e mais alguns homens, estiveram trabalhando; estiveram aqui de noite o sr. Serzedelo, o sr. Jaime Benévolo e muitos oficiais e paisanos; à noite souberam que o Ouro Preto estava conspirando contra o Exército, então prenderam-no outra vez, e andam à procura do Cândido de Oliveira, para prender; o Paço, onde estão o imperador e a imperatriz, foi cercado. Como espalhou-se a notícia que a Guarda Nacional ia fazer resistência ao Exército, papai foi passar a noite no quartel-general.

16 DE NOVEMBRO [SÁBADO]

Até hoje não houve, felizmente, a resistência ao Exército, que ontem constou que ia se dar. Papai veio do quartel antes do almoço, lavou-se e mudou-se às pressas e foi para lá outra vez, acompanhado pelo sr. Rui Barbosa e outros homens que vieram aqui para saírem com ele. Veio hoje publicado o plano do Governo Provisório; fazem parte o sr. Quintino, Rui Barbosa, Wandenkolk, mais dois homens

DIRECTOR DO DIÁRIO OFFICIAL, JULIO BORGES DINIZ.

DECRETO N. 1.—DE 15 DE NOVEMBRO DE 1889

O Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brazil decreta :

Art. 1.º Fica proclamada provisoriamente e decretada como a forma de governo da nação brasileira — a Republica Federativa.

Art. 2.º As provincias do Brazil, reunidas pelo laço da federação, ficam constituindo os Estados Unidos do Brazil.

Art. 3.º Cada um desses estados, no exercicio de sua legitima soberania, decretará opportunamente a sua constituição definitiva, elegendo os seus corpos deliberantes e os seus governos locais.

Art. 4.º Enquanto, pelos meios regulares, não se proceder á eleição do Congresso Constituinte do Brazil e bem assim á eleição das legislaturas de cada um dos estados, será regida a nação brasileira pelo Governo Provisorio da Republica ; e os novos estados pelos governos que hajam proclamado ou, na falta desses, por governadores delegados do Governo Provisorio.

Art. 5.º Os governos dos estados federados adoptarão com urgencia todas as providencias necessarias para a manutenção da ordem e da segurança publica, defeza e garantia da liberdade e dos direitos dos cidadãos, quer nacionaes quer estrangeiros.

Art. 6.º Em qualquer dos estados, onde a ordem publica for perturbada e onde faltem ao governo local meios efficazes para reprimir as desordens e assegurar a paz e a tranquillidade publicas, effectuará o Governo Provisorio a intervenção necessaria para com o apoio da força publica assegurar o livre exercicio

acção das autoridades constituídas.

Art. 7.º Sendo a Republica Federativa Brasileira a forma de governo proclamada, o Governo Provisorio não reconhece nem reconhecerá nenhum governo local contrario á forma republicana, aguardando como lhe cumpre o pronunciamento definitivo do voto da nação livremente expressado pelo suffragio popular.

Art. 8.º A força publica regular, representada pelas tres armas do exercito e pela armada nacional, de que existam guarnições ou contingentes nas diversas provincias, continuará subordinada e exclusivamente dependente do Governo Provisorio da Republica, podendo os governos locais pelos meios ao seu alcance, decretar a organização de uma guarda civica destinada ao policiamento do territorio de cada um dos novos estados.

Art. 9.º Ficam igualmente subordinadas ao Governo Provisorio da Republica todas as repartições civis e militares, até aqui subordinadas ao governo central da nação brasileira.

Art. 10. O territorio do municipio neutro fica provisoriamente sob a administração immediata do Governo Provisorio da Republica e a cidade do Rio de Janeiro, constituida tambem provisoriamente sede do poder federal.

Art. 11. Ficam encarregados da execução deste decreto, na parte que a cada um pertença, os secretarios de estado das diversas repartições dos ministerios do actual Governo Provisorio.

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1889.

Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio.—S. Lobo.—Ruy Barbosa.—O. Bocafumo.—Benjamin Constanti —Wandencak.

13. “Veio hoje publicado o plano do Governo Provisório”. Primeiro decreto do governo provisório estabelecido a 15 de novembro de 1889.

e papai, a quem foi dada a pasta da Guerra. Adozinda veio cá com o dr. Álvaro e o Adozindinho, cá jantou e foi depois do jantar, ela queria abraçar o papai, porém como ele se demorou, ela foi embora, pois deixara as crianças com minha madrinha, e o pequenino, que precisa mamar; dr. Macedo almoçou cá e de noite veio também cá; o capelão do Instituto e o sr. Menezes vieram cumprimentar a papai; a Hermínia e a Carlota também vieram cá antes do jantar, com o Benjamin, para esse fim, e trouxeram-lhe dois ramos de flores porém não o encontraram. O sr. Freixo esteve cá. Passaram por aqui, em préstito, os alunos e alguns professores das escolas de Medicina e Politécnica, dando vivas à República, e ao passarem por aqui deram muitos vivas a papai. O dr. Souza Lima, assim como o dr. Veiga e sr. Honório, vieram cumprimentar a papai, porém só o dr. primeiro o encontrou em casa. O sr. Licínio esteve cá e durante o pouco que se demorou falou entusiasmado de papai, dizendo que ele tem feito discursos muito brilhantes e que tem sido muito aplaudido. Jantaram aqui o Ciro e o Benj. Silva, que veio das Laranjeiras. Papai, desde que saiu de manhã, não voltou até agora, e parece que dorme no quartel.

17 DE NOVEMBRO [DOMINGO]

Papai dormiu ontem no quartel-general e veio hoje de manhã acompanhado de alguns militares; pouco se demorou e foi embora para o quartel antes do almoço. A Alice veio hoje acompanhada pelo sr. cons. José Rufino, em casa de quem está, para passar o dia aqui; Adozinda também veio passar o dia com o Adozindo e o dr. Álvaro; ela foi ao quartel-general para abraçar a papai, pois ainda não o viu desde a Proclamação da República. Vieram aqui várias pessoas procurar por papai. O imperador embarcou hoje para Itália com toda a sua família; disse que reconhecia em papai e no general Deodoro verdadeiros

amigos; ele partiu voluntariamente porque os militares fizeram-lhe ver que a sua estada aqui podia provocar uma guerra civil mesmo, por ser ele muito estimado pelo povo; consta que ele manifestou desejo de falar com papai, porém papai não foi porque ficaria muito como-vindo e não tinha coragem. A d. Alcida mandou à mamãe uma carta de parabéns em que felicitava muito a ela, a papai e a nós pela atitude de papai nesse importante movimento. Vieram muitos cartões de parabéns. Papai só veio de noite, e acompanhado pelo sr. Jaime Benévolo; esteve também aqui o chefe de polícia de Niterói. Papai trouxe uma mensagem muito tocante e bem-escrita que os alunos militares lhe dirigiram. O sr. Licínio, que esteve cá, disse que papai tem recebido inúmeras provas de afeto e admiração; foram ao quartel cumprimentá-lo o sr. Teixeira Mendes e Miguel Lemos, que abraçaram-no muito.⁷⁰ Aldina foi hoje de noite embora, com o sr. Carlos e as crianças. Papai pouco se demorou aqui e foi logo para o quartel; é mais certo dormir hoje lá. A Alice foi de noite com o Benjamin. O sr. Faquinete veio cumprimentar papai e mais várias pessoas.

18 DE NOVEMBRO [SEGUNDA-FEIRA]

Papai ontem voltou do quartel-general às 3h da madrugada, almoçou aqui e foi para o quartel depois do almoço; estiveram cá o sr.

70. Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes, dirigentes do Apostolado Positivista do Brasil, haviam sido companheiros de Benjamin Constant – o segundo foi seu aluno – na divulgação do positivismo no início da década de 1880. Questões relativas à orientação doutrinária e ao temperamento dos dois, contudo, levaram Benjamin Constant a afastar-se da entidade em 1882, tornando-se alvo de ácidas críticas dos ex-companheiros. As relações pessoais só foram reatadas após o golpe republicano, quando Lemos e Mendes vislumbraram a possibilidade de influenciar as decisões do novo governo.

oferecimento. Dr. Veiga e o dr. Álvaro cearam cá; papai veio cear. A Mariquinhas com tia Leopoldina também fizeram parte da manifestação e vieram cá depois, porém não cearam; disseram que o sr. Valentim de Magalhães fez um bonito e brilhante discurso a papai.⁷⁵

24 DE NOVEMBRO [DOMINGO]

Aldina veio passar o dia cá, com as crianças; o sr. Carlos veio depois do almoço. O sr. Frasão esteve cá com a senhora. Esteve cá um oficial sobrinho do general Deodoro e dois moços;⁷⁶ também um moço conhecido do Benjamin. O dr. Álvaro esteve cá; o sr. Licínio também. Papai foi para o quartel e veio jantar de noite. De noite esteve cá o sr. general Floriano Peixoto acompanhado de outro oficial; não cearam; Aldina e o sr. Carlos também não cearam. O Edmundo juntou hoje cá.

25 DE NOVEMBRO [SEGUNDA-FEIRA]

Papai almoçou mais cedo e foi para o quartel com o tio João. Esteve cá a d. Brasília com as duas filhas, pouco depois chegou a d. Rosa, sogra do dr. Veiga; esteve também cá o sr. Licínio. Mamãe, Alcina [Alcida?] e eu saímos; fomos comprar dois cortes de vestido, para mim e Alcida, e depois fomos levar à madame Latour para fazer com pressa. Aldina veio para cá com as crianças e foi também conosco. Mamãe comprou na madame Douvizoy um chapéu para mim. Aldina e o sr. Carlos jantaram aqui e foram embora depois do jantar. De noite, mamãe foi comigo e Alcida à casa do dr. Veiga, para pedir

75. Antônio Valentim da Costa Magalhães (1859-1903) foi escritor e membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

76. O sobrinho de Deodoro provavelmente era Clodoaldo da Fonseca.

à d. Marianinha o grande obséquio de nos guiar e ensinar a fazer duas bandeiras para oferecermos, em nome de todas as filhas, uma à Escola Superior e outra à Escola Militar, como pequena prova de gratidão pela dedicação e interesse que os alunos d'estas escolas têm sempre dedicado a papai; ela mostrou todo o interesse, assim como o dr. Veiga e a irmã, e disse que amanhã virá cá e irá comprar o que for preciso; na volta, viemos no bonde com o sr. Mendes, aluno dedicado de papai. Quando chegamos, encontramos na porta meu padrinho, tia Julieta e o Benjamin, que já tinham estado cá. O Ciro passou o dia cá e aqui ficou para dormir. Veio hoje de manhã cá agradecer a papai o ter sido admitido alferes-aluno o sr. Euclides, que teve baixa em consequência de ter quebrado as armas em presença do Ministro, por ocasião de exercício, por estar excitado em razão de excesso de estudo.⁷⁷ Tia Olímpia foi à Praia Grande e só voltou de noite. Papai ainda não voltou do quartel (meia-noite) e penso que dormirá lá por ter hoje muito que fazer.

26 DE NOVEMBRO [TERÇA-FEIRA]

Papai veio ontem tarde do quartel. A d. Marianinha (irmã do dr. Veiga) esteve cá para tratar da bandeira; mas como papai disse que a bandeira ainda não está escolhida, ela ainda não pôde comprar os

77. Euclides da Cunha foi protagonista, em novembro de 1888, de um episódio de revolta na Escola Militar da Praia Vermelha, da qual era aluno. Quando os alunos desfilavam em continência ao ministro da Guerra, Euclides saiu de forma sem licença e atirou ao chão a carabina e o sabre-baioneta, depois de o haver procurado quebrar, sem sucesso. Euclides afirmou que fizera aquilo por estar, bem como vários colegas, com direito ao título de alferes-aluno sem ter sido promovido pelo governo; segundo algumas fontes, também porque era republicano. Euclides foi expulso da Escola.